

CONGRESSO

Uma sombra no favoritismo

Cotado para se reeleger à presidência do Senado, Pacheco enfrenta o crescimento da candidatura de Marinho, apoiado por Bolsonaro

» RAPHAEL FELICE

Jefferson Rudy/Agência Senado



O senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) concorre à reeleição na Casa com o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do PT

Se há algumas semanas a reeleição de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) à presidência do Senado era dada como praticamente garantida, o cenário atual não é tão confortável para o parlamentar. A sombra é o crescimento da candidatura de Rogério Marinho (PL-RN), ex-ministro de Bolsonaro.

Com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apoiando Pacheco, a eleição ao comando da Casa repetirá a polarização vista no pleito para a Presidência da República, no ano passado.

A conta feita nos bastidores indica vantagem para Pacheco. No entanto, a estimativa de 55 votos, feita por apoiadores do senador, pode ficar, na verdade, entre 43 e 47 votos.

Além da oficialização da campanha de Marinho no último sábado, com apoio do bloco PL, PP e Republicanos, Pacheco perdeu força por conta da sua proximidade com o senador e ex-presidente da Casa Davi Alcolumbre (União-AP).

Marinho buscou aval dentro do PSD, legenda de Pacheco, e conseguiu, oficialmente, o apoio de três senadores: o líder peessedista no Senado, Nelsinho Trad (MS); Samuel Araújo (RO) e o ex-tucano Lucas Barreto (AP).

O motim contra o senador de Minas Gerais se dá pela proximidade com Alcolumbre. Pacheco pretende manter o parlamentar amapaense na presidência da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), o que desagradou ao PSD.

O partido de Gilberto Kasab também não terá apoio de Pacheco para manter a Comissão de Relações Exteriores, justamente presidida por Trad. A tendência é de que o colegiado fique com Renan Calheiros (MDB-AL), também ex-presidente do Senado.

“Essa decisão é madura, sensata, na busca de uma reoxigenação que o Senado da República deve passar. Aqui, não tem grupo para fazer nenhum revanchismo contra A, B ou C”, disse o líder do PSD. “O lema maior aqui é uma reconexão do Senado com a sociedade, para fazer com que a gente possa, dentro daquilo que nos compete ser respeitado como instituição equilibrada e que também possam nos enxergar dessa forma para que a gente possa cumprir e fazer valer que preconiza a harmonia e a independência dos poderes.”

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Quem entende o papel de quem está na presidência de um poder como este, entende que ele (o presidente) tem de ser árbitro, mediador, tem que permitir que cada parlamentar tenha oportunidade de fazer seu mandato na sua integralidade e uma casa de paz, mas também de diálogo e debate. Temos votos suficientes para ganhar a eleição”

Rogério Marinho (PL-RN), candidato à presidência do Senado

Trad complementou, em evento na liderança do PL ao lado de Marinho: “Por isso, entendo que essa renovação seja imprescindível para o momento que estamos atravessando. Não foi fácil essa decisão dentro do PSD, uma pessoa que não temos nada contra ele, uma pessoa educada, equilibrada, mas que teve o seu momento com nosso apoio”.

A proximidade com Alcolumbre também provocou divergência no PSD. Os três senadores da legenda declararam apoio a outros candidatos. Izalci Lucas (DF) e Alessandro Vieira (SE) anunciaram voto em Marinho. Já Plínio Valério (AM) disse que vai votar em Eduardo Girão (Podemos-CE), o outro candidato ao cargo e também ligado ao bolsonarismo.

Na bancada bolsonarista, as principais críticas a Pacheco são em sua resistência em paular o impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), principalmente, de Alexandre de Moraes, que conduziu o inquérito das fake news e dos atos antidemocráticos. O

magistrado derrubou diversas contas de aliados do ex-presidente que publicaram nas redes sociais apoio a um golpe de Estado ao retorno da ditadura militar.

Pressão

Pacheco, no entanto, mostrou confiança na vitória. Em entrevista coletiva que oficializou o apoio do MDB à sua candidatura, ele afirmou que pretende continuar a combater ataques à democracia. “Vamos manter a defesa do Estado de Direito e pregar a harmonia dos Poderes. Recebi com muita alegria e satisfação esse apoio do MDB, que possui não só uma bancada quantitativa, mas de muita qualidade. Essa união representará nossa vitória amanhã (hoje) na presidência do Senado”, enfatizou.

Ele também afirmou que vai manter uma gestão de responsabilidade e “sem revanchismos ou ódio”. No MDB, apenas Ivete da Silveira (SC) anunciou dissidência e vai votar no candidato do PL.

O parlamentar que soube transitar

Rodrigo Pacheco chegou ao Congresso pela porta da Câmara, onde ocupou a presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). Foi eleito ao Senado em 2018. Natural de Porto Velho (RO), mas com carreiras jurídica e política em Minas Gerais, é advogado criminalista e fez parte da defesa de um ex-diretor do Banco Rural no julgamento do mensalão. Tido pelos colegas como um dos mais republicanos entre os congressistas, o parlamentar foi alvo de queixas na pandemia por ter antecipado o descolamento do então presidente Jair Bolsonaro, que o ajudou a se eleger à Presidência do Senado, em 2021. Ele foi crítico reiterado ao negacionismo do então chefe do Executivo, embora tenha deixado que a abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid (CPI da Covid) fosse determinada pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Marinho também mostrou confiança. Após ser visto como azarão, há algumas semanas, ele conseguiu cacife para uma eleição equilibrada, o que fez, inclusive, crescer a participação da família Bolsonaro nos bastidores das negociações.

Além disso, o parlamentar eleito que tomará posse hoje contou com uma forte campanha nas redes sociais. Senadores de estados com forte público bolsonarista receberam diversas cobranças, algumas até agressivas, com pedidos de votos para Marinho e críticas a Pacheco.

“Quem entende o papel de quem está na presidência de um poder como este, entende que ele (o presidente) tem de ser árbitro, mediador, tem que permitir que cada parlamentar tenha oportunidade de fazer seu mandato na sua integralidade e uma casa de paz, mas também de diálogo e debate. Temos votos suficientes para ganhar a eleição”, disse Marinho.

O PL conta com traíções a Pacheco para viabilizar a vitória de Marinho, mas os desacordos podem acontecer dos dois lados.

Esplanada fechada e reforço na segurança

A Secretaria de Segurança Pública do DF divulgou um protocolo de ações integradas para a posse de deputados e senadores e eleição das Mesas Diretoras das duas Casas, marcadas para hoje. As ações preveem o fechamento da Esplanada dos Ministérios e reforço do policiamento.

O documento define ações direcionadas ao início dos trabalhos do Supremo Tribunal Federal (STF) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE), também hoje, e ano legislativo, que começa amanhã.

De acordo com o protocolo elaborado, o policiamento em toda a região da Esplanada será reforçado pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), com ações que contemplem todos os eventos oficiais.

“Unidades especializadas da corporação e da Polícia Civil do DF (PCDF), como as tropas de choque, cavalaria, operações aéreas, policiamento com cães e operações especiais, estarão em condições para apoio, caso seja necessário. Os prédios públicos contarão, ainda, com segurança própria e gradis”, diz o documento.

Nos dois dias haverá reforço do policiamento, com tropas especializadas e intervenções no



Tenho plena confiança nas forças de segurança do DF que, de forma integrada e coordenada aos órgãos envolvidos, atuarão na segurança e na mobilidade para que os eventos, tão importantes e representativos para nossa democracia, ocorram de forma organizada e pacífica”

Sandro Avelar, secretário de Segurança Pública do DF

trânsito em toda região central de Brasília. A Esplanada dos Ministérios teve o trânsito de veículos suspenso desde as 23h59 de ontem. Somente servidores, autoridades e convidados poderão acessar o espaço.

Também está proibida a utilização de drones na região da Esplanada, exceto aqueles das



Em reunião, foram feitos os ajustes finais para as operações de segurança voltadas à posse de congressistas

forças de segurança e autorizados. As medidas de policiamento incluem reforço da segurança nas estações do metrô, rodoviária e Aeroporto Internacional de Brasília, além de efetivo reforçado nas delegacias. Equipes de atendimentos de emergência e combate a incêndios atuarão no local.

As decisões tomadas ocorrem na esteira dos ataques aos prédios dos Três Poderes em 8 de janeiro. Sem atuação ostensiva da Polícia Militar, golpistas pediram intervenção militar e a prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, em reação, decretou intervenção federal na segurança pública do Distrito Federal.

“Tenho plena confiança nas forças de segurança do DF que, de forma integrada e coordenada aos órgãos envolvidos, atuarão na segurança e na mobilidade para que os eventos, tão importantes e representativos para nossa democracia, ocorram de forma organizada e pacífica”, afirmou o novo secretário

de Segurança Pública do DF, Sandro Avelar.

Ricardo Cappelli, que encerrou ontem a função de interventor federal na Segurança Pública do DF, agradeceu a Lula e ao ministro da Justiça, Flávio Dino pela confiança. “Foram dias duros. Tive que tomar decisões importantes no calor dos acontecimentos. Fiz o meu melhor, espero ter acertado. Retorno ao MJS com o sentimento de dever cumprido”, escreveu nas redes sociais.

Dino também mencionou o fim da intervenção “decretada pelo presidente Lula em hora difícil”. “A história mostrará com muita nitidez o que foi o dia 08/01. Parabenizo o nosso secretário-executivo (do ministério) Ricardo Cappelli pelo excelente desempenho como interventor”, acrescentou.

A governadora em exercício do DF, Celina Leão (PP), reconheceu o trabalho de Cappelli. “Fim da intervenção da Segurança Pública no DF. Recebemos a missão com responsabilidade que o momento exige. Agradeço ao interventor Ricardo Cappelli pela forma sempre republicana que conduziu esse processo”, postou.